

# MIDORI TAKADA

15 NOV 2018  
QUI 21:00  
Grande Auditório  
M/6

# A BORBOLETA DE TÓQUIO

É provável que por estes dias não encontrem o LP original de *Through The Looking Glass* à venda no site Discogs. Isto acontece porque desde que a We Release Whatever The Fuck We Want Records (WRWTFWW) fez o favor ao mundo de reeditar no ano passado a estreia de Midori Takada que a especulação perdeu força no mercado. Contudo, acreditando nos registos do Discogs, ficamos a saber que o disco, na sua primeira prensagem japonesa, de 1983, chegou a ser vendido por 900 euros. Valerá um disco este preço? Deixemos a inacreditável cifra de lado e tentemos compreender algumas das razões para que esta música possa ter sido transacionada com tamanha inflação.

Por muito que este tipo de histórias esteja habitualmente associada a uma espécie de fenómeno em parte incompreensível e especulativo, *Through The Looking Glass* valeu o seu peso em ouro durante uma boa parte do tempo em que a ausência da internet não facilitou a partilha da sua música. Mas, num acto de suprema ironia, foi justamente a internet e os seus múltiplos gatilhos que propiciaram a descoberta desta música por um público virgem, galgando fronteiras e adquirindo um estatuto de santo graal para quem quer que a música seja parte fundamental da nossa existência. Algumas teorias apontam um único culpado, alguém a quem devemos um caloroso agradecimento e, muito provavelmente, a nossa presença nesta noite de 15 de novembro: em 2013, Jackamo Brown fez o que muitos fazem no YouTube, partilhando um vídeo com o disco na íntegra, esperando que a simples disponibilidade de uma raridade valesse bem mais que o sucesso da contagem dos visionamentos. Tal como o site Dazed conta, terá sido graças ao críptico algoritmo do YouTube que *Through The Looking Glass* saiu do poço sem fundo da plataforma, obrigando-o a reemergir à superfície quando alguém navegava por música que combinava as palavras-chave eletrónica, ambiental ou minimalista. De um momento para o outro, um enigmático e sempre irritante sistema de sugestões algorítmicas equiparou-se ao bater das asas de uma borboleta em Tóquio, provocando o seu pequeno caos ao engrossar o número de descobertas e colocando esta obra na sombra – mas apenas por instantes – de grandes marcos da música contemporânea menos óbvia. Como que envergonhado, o mundo parecia

acordar vagarosamente para uma revelação adiada, acrescentando um a um os novos fãs convertidos pela magia das percussões e da eletrónica de Midori Takada.

Em 2017, e de um modo definitivo, a editora suíça WRWTFWW resgataria o disco do esquecimento, acelerando a sua descoberta planetária e dando finalmente o crédito merecido a uma autora que, sem os elogios no tempo certo, foi desacreditando na carreira discográfica e encontrando no palco dos teatros a zona de conforto necessária para prosseguir a sua criação musical. Apesar de nunca ter abandonado a música, a sua vida nos últimos 20 anos assemelha-se a um certo refúgio, longe do bulício das grandes cidades e, certamente, bem distante da azáfama incompreensível da indústria discográfica. É na pequeníssima cidade de Toga, no meio das montanhas e de uma natureza transbordante, com uma população que ronda somente o milhar de habitantes, que a companhia teatral de Tadashi Suzuki tem feito história nas artes de palco japonesas, encenando clássicos dramaturgicos, muitos deles ocidentais. Midori Takada tem composto e tocado música ao vivo para as peças, o que lhe tem dado uma experiência de palco algo oblíqua mas suficiente para que este regresso não fosse um corpo demasiado estranho na sua carreira.

Em 2018, celebram-se os 40 anos da sua estreia com a Filarmónica de Berlim, logo após se ter licenciado em Tóquio. O lado demasiado formal do mundo clássico empurrou-a quase imediatamente para fora dele, levando-a a procurar outra espiritualidade na sua arte, algo que servisse como conexão fulcral para a sua criatividade ou, como já confessou, algo que negasse o materialismo na música. Voltou, por isso, à escola, onde estudou a fundo a história e raízes da música japonesa e coreana, mas foi sobretudo a sua observação da percussão africana que lhe abriu o mundo e, conseqüentemente, a sua música. O trio Mkwaju Ensemble, formado com Junko Arase e Yoji Sadanari, resulta desse entroncamento de influências, todas elas em estado de êxtase e devaneio, onde ritmo ancestral e eletrónica convivem com aquele irrecuperável prazer carnal da música exploratória dos anos 80, decerto feito por inspiração das premissas quarto-mundistas de Jon Hassell. Escolheram da Tanzânia as tribos Gogo e Zanakí e foram fazendo arranjos das suas músicas para o trio. Desta atitude de aventura e risco nasceu um disco mas também um fim prematuro, forçando Midori Takada a ficar sozinha e a investir na gravação do seu álbum de estreia, feito com recursos mínimos em apenas dois dias de estúdio. *Through The Looking Glass* foi um salto de fé, feito de matéria estranha, feito de modo estranho, evitando



com obstinada teimosia os gêneros em vigor, olhando para os seus mestres – Steve Reich, do início da sua obra, é um deles – e sobretudo para o choque de culturas. São quatro composições como quatro pontos cardeais, cada um apontando para uma natureza diferente, para estados de alma complementares. Esta vanguarda inesperada acabaria por deixar o seu álbum desprotegido, levando a sua editora e o seu público a distanciar-se dele como um corpo insólito, fora de tempo. *Lunar Cruise*, com Masahiko Satoh, em 1990, e *Tree Of Life*, o seu segundo álbum a solo, de 1999, foram os discos seguintes compreensivelmente espaçados no tempo como tentativas acauteladas de refazer uma história interrompida.

Em 2018, já não restam dúvidas que somos pessoas sortudas por podermos recuperar a música de Midori Takada. O que hoje nos chega datado, chega-nos com a certeza de algo que se ergue no tempo como um marco arquitetónico exemplar, gloriosamente marcado pelas décadas mas resplandecentemente único e autêntico. Em 2018, também temos a sorte de podermos ver a música ao vivo, dançando como num ritual antigo que nunca caduca, numa coreografia solene entre corpo e mente, onde histórias se elevam como contos segredados. Ouçam a sua música, e também as suas palavras, e levem convosco um ensinamento para a eternidade.

Possibly, there was no greater surprise or delight in 2017 than *Through the Looking Glass*, Midori Takada's debut solo album. An absolute masterpiece, originally released in the far-off year of 1983, it was received with great tenderness and emotion all around the world by people who had been unaware of its existence for 34 years. During this seemingly endless period of time, the album had become a rare jewel, being lost and rediscovered countless times, as well as being greatly sought after by collectors who, one by one, had surrendered to the seductive appeal of a work that was too important to be consigned to just the encyclopedias. Because this music rewrites all that we know about the history of Japanese music, contemporary percussion, minimalism (western, too) and the way that we look at the origin of everything, in which the heart of Africa so clearly beats. Midori Takada revised all of this with the delicacy of a butterfly, composing without any musical notation, following her own intuition, painting sound onto a canvas the size of the world, and of our spirituality. With only a scanty discography and having led her life seeking refuge in compositions for theatre, the time has come for her to take charge of the whole stage and for us to marvel at her visionary percussive art.



GONGO, MARIMBA, TIMBALÕES, PRATOS, AQUAFONE  
Midori Takada

Brevemente

---

# MOUSE ON MARS

Música x

## DIMENSIONAL PEOPLE

5 DEZ

QUA 21:00

Grande Auditório

M/6

---

# GISÈLE VIENNE

Dança x

## CROWD

8-9 DEZ

SÁB 19:00

DOM 15:00

Grande Auditório

M/12

---

Culturgest